CRIANÇAS EXPRESSAM A VIVÊNCIA INFANTIL EM COMUNIDADE LAGUNAR

Adélia Augusta Souto de Oliveira, Bárbara Tereza Brandão Guerreiro Barbosa, Camila Milfont de Brito e Tycianne Maria Duarte Tenório Cavalcante (Universidade Federal de Alagoas).

Email: camila_milfont@hotmail.com

1. Introdução

O presente resumo discute o trabalho de intervenção no âmbito de um projeto de extensão universitária que focaliza o estudo da infância e sua relação com o contexto comunitário, em um povoado lagunar do Nordeste brasileiro. Para tanto, apresenta a construção histórica do conceito de infância e aspectos teóricos e metodológicos da área de atuação da Psicologia Comunitária. A partir da análise dos resultados observados em campo, fizeram-se reflexões acerca dos aspectos relacionados à violência, à erotização e às diferenças de gênero, fundamentando-os teoricamente.

2. Referencial teórico

De acordo com os estudos gestados pela concepção histórica apontada por Ariès (1981), as formas de se conceber a infância variam, de tempo em tempo, de sociedade a sociedade. Segundo Ariès (*apud* Hamann, 2002), a progressiva construção do conceito de infância tem início no século XVI, quando a importância pessoal da noção de idade se afirmou, desde que os reformadores religiosos e civis a impuseram nos documentos escolares. Inicialmente restrito às classes sociais mais instruídas, que desfrutavam do privilégio da escolarização, o registro da idade se difundiu para a sociedade como um todo, passando a constar em diversas formas de documentos.

Segundo Orme (*apud* Hamann, 2002), é possível se detectar no contexto medieval indícios de uma concepção de infância relativamente clara. Já em relação à Grécia Antiga, a autora nos diz que pouco se sabe sobre a relação que seus cidadãos estabeleciam com as crianças, pois as referências feitas a estas na literatura eram ambíguas e nas esculturas inexistentes, o que sugere que a infância não ocupava uma posição de grande relevância social. Em contrapartida, a arte romana revela uma atenção especial à criança pequena e em crescimento.

Segundo Salles (2005), o conceito de infância é uma invenção própria da sociedade industrial, ligado às leis trabalhistas e ao sistema educacional que torna o jovem dependente dos pais. A criança foi, então, excluída do mundo do trabalho e de responsabilidades; foi separada do adulto, não participando mais de atividades nas quais até então a sua presença era usual.

Steinberg & Kincheloe (*apud* Mourão, 2004) afirma que desse modo, algumas formulações propuseram categorias de análise fixas e imutáveis para qualquer criança de qualquer tempo e lugar e outras afirmam que tal conceito é atribuído de acordo com a cultura. Cabe lembrar a existência de um padrão etnocêntrico a partir do qual tais teorias foram elaboradas: o padrão sempre foi a criança européia, branca e de lares burgueses.

3. Método

Tendo como pressuposto a concepção acima delineada, elaborou-se um projeto cujo objetivo é conhecer como é vivenciada a infância em uma comunidade lagunar do Nordeste brasileiro. As atividades deste projeto desenvolveram-se no âmbito da disciplina Psicologia Comunitária do curso de Psicologia, entre os meses de março a julho de 2009. Os participantes foram crianças com idades entre seis e oito anos e os encontros semanais realizaram-se durante 3 meses em espaços públicos próximos às suas casas. As temáticas abordadas foram: a infância no local; o significado de família; equipamentos urbanos utilizados; trabalho infantil; escola e lazer.

Inicialmente foi realizado mapeamento do local para visualização dos espaços e das relações estabelecidas, assim como visitas a órgãos públicos e conversas com profissionais e moradores, o que proporcionou maior familiarização com o local e com as pessoas. Segundo Montero (2006), a familiarização é um processo que permite aos "agentes externos" o conhecimento da comunidade, transformando em habituais e compreensíveis seus aspectos específicos, sendo este processo o início do trabalho psicossocial comunitário.

Durante esta etapa foi possível observar também demandas locais e o sentido atribuído à psicologia, pois presentificou-se nas falas a necessidade de que "alguém conversasse com as crianças para torná-las mais quietas ou mais comunicativas" no intuito de que prestássemos algum serviço assistencial à comunidade. Vale ressaltar, segundo Montero (2006), que a intervenção em uma comunidade deve se apoiar numa postura ética e no conhecimento de qual o objetivo de sua atuação no local, pois muitas vezes o trabalho em comunidade é confundido com paternalismo ou caridade. Por isso, deixávamos claro que o nosso objetivo era conhecer como é vista e vivenciada a infância no local a partir da visão das crianças.

Após a familiarização com o local e com as pessoas, assim como, após a visualização dos espaços utilizados pelas crianças e nos quais elas se concentram, elaborou-se um plano de intervenção o qual foi apresentado aos pais e às crianças. Estas foram convidadas a participar e os pais foram consultados sobre a participação de seus filhos no projeto. Após o consentimento destes, deu-se início às atividades.

Para a construção dos encontros foi pensado nos objetivos e, para isso, foram construídas atividades que proporcionassem atendê-los. Para o primeiro encontro, pensou-se em uma atividade que possibilitasse um momento de integração entre nós e as crianças. Para isso foi realizada a brincadeira "Se eu fosse", na qual propomos temas para as crianças falarem o que desejassem (exemplo: Se eu fosse uma fruta ... seria uma laranja). No segundo encontro, tinha-se por objetivo conhecer como a infância é vista e vivenciada por eles. A partir disso, foi proposto que fizessem desenhos do que costumam fazer, como se veem, suas atividades preferidas e outras coisas que lhes ocorram relacionadas ao tema sugerido. No terceiro encontro, com o intuito de verificar o sentido de família para as crianças, pediu-se que confeccionassem um painel, a partir de recorte e colagem, no qual cada um poderia representar sua família. Para o quarto encontro, as crianças utilizaram massa de modelar e palitos diversos, a fim de representarem momentos e ambientes de lazer no povoado. No quinto momento, objetivando perceber quais equipamentos urbanos são utilizados pelas crianças, foi realizada uma caminhada pelo povoado, no qual eles puderam registrar, através de fotografias, ambientes de seu interesse. No encontro seguinte, foram levadas as fotos reveladas com o intuito de que as crianças falassem a respeito. No sétimo encontro objetivou-se perceber como é abordada a temática "trabalho infantil" pelas crianças, focalizando o sentido desta para elas. Com isso, foram levadas figuras/cenas de diversas histórias em quadrinhos para que as crianças montassem uma estória e falassem a respeito. Para o oitavo momento, propusemos que as crianças representassem de forma livre (recorte, colagem,

desenho, pintura) em um painel a concepção que têm acerca da infância em outros locais. No penúltimo encontro buscamos compreender o significado que elas possuem da escola, bem como a sua importância, através de brincadeira com jogo da memória, o qual teve como tema "escola", para que a partir disso pudesse ser discutida a temática sugerida. Por fim, no último encontro foram devolvidos os trabalhos e conversado com as crianças sobre eles, assim como sobre o que acharam das atividades e dos encontros como um todo.

É importante citar que, apesar do plano de intervenção ter sido previamente elaborado, houve flexibilidade na mudança das atividades pensadas de acordo com as demandas das crianças e/ou eventos que impossibilitaram a realização, dentre estes podemos citar a chuva. O registro do trabalho com os grupos foi efetivado por meio de diário de campo e de fotos da produção das crianças.

Durante a realização de cada atividade e a partir da interação com as crianças foi possível o conhecimento e registro das relações cotidianas vivenciadas e dos sentidos atribuídos por elas às temáticas abordadas, como: família, escola, trabalho infantil, infância, dentre outras que surgiram. A forma como foi desenvolvida esta intervenção pauta-se na valorização do conhecimento e da vivência de um grupo de crianças para se compreender a infância no local.

4. Resultados

Em destaque podemos afirmar que, a partir da análise das produções vimos diferenças estigmatizadas dos papéis de gêneros, expressão de erotização infantil e de violência. Também foram trazidas questões sociais e políticas nas conversas com os moradores mais antigos do lugar, tais como: a descrição de como funcionam as escolas freqüentadas e a colocação de que não existem espaços de lazer no povoado (ginásios, espaços para prática de esportes, entre outros). Tal fato nos faz refletir sobre um paradoxo existente, pois a região em que vivem é caracterizada pelo turismo, sendo sua economia voltada para tal. Podemos afirmar que apesar de residir num povoado que disponibiliza espaços de lazer para turistas as crianças que lá residem não utilizam estes ambientes. Estes aspectos abordam questões políticas e sociais estabelecidas na região, estando as crianças inseridas neste contexto macrossocial.

Em diversos momentos, seja nas brincadeiras, em suas falas, em situações de jogos, as meninas disputam com os meninos espaços e papéis sociais. A sexualidade também é um aspecto marcante nas brincadeiras entre eles. Isso pôde ser observado num dos encontros em que as meninas pediram para dançar para os meninos uma música bastante tocada no momento e que se caracterizava pela sensualidade da coreografia e pela letra que denotava relação sexual. Ribeiro (2006) afirma que na maioria das vezes, os jogos de sedução, as danças sensuais de suas cantoras ou bandas prediletas e as iniciativas que tomam para as brincadeiras de namoro demonstram aspectos erotizados. As crianças compreendem que possuem papéis sociais e de gênero distintos, inclusive durante as atividades em grupo, quando deixam aflorar as representações dos componentes sígnicos que expressam masculinidade e feminilidade. Tal fato pode ter relação com a forma que as crianças lidam com os corpos, o próprio e o dos outros, e acabam por inventar e também reproduzir a sexualidade a partir de uma visão de mundo marcado por gênero.

A expressão da erotização e da violência também foi observada em muitas falas e produções. Estas, muitas vezes, em nossa sociedade, não são associadas às crianças, talvez pela concepção e idealização que temos da infância. No entanto, na maioria dos encontros e atividades realizadas estas expressões fizeram-se presentes fazendo-nos refletir que as

crianças encontram-se num contexto social e cultural que pode possibilitar a construção destes conceitos. A mídia também possibilita a aproximação destes aspectos, o que se confirmou no relato dos participantes do grupo, os quais disseram que assistem filmes e/ou programas de televisão que contêm estes conteúdos.

Alguns autores — como Neil Postman, Shirley Steinberg e Joe Kincheloe — caracterizam a erotização como um dos aspectos de uma crise atravessada atualmente pelo conceito de infância, a partir das recentes mudanças nas formas de representação social da criança e nas novas alternativas encontradas por ela para se relacionar com o mundo (SALLES, 2005). Diante deste fato, concluímos que, para entender o fenômeno contemporâneo da erotização da infância, precisamos considerá-lo à luz do contexto em que ele se desenvolve. Esta pode ser considerada um marco contemporâneo, resultante da influência exercida sobre as crianças pelos meios de comunicação de massa, entre os quais se sobrepõe a televisão, mas se incluem também, os outdoors, as revistas, entre outros.

Ainda conforme Salles (2005), o Brasil possui particularidades no que se refere à erotização infantil, que em grande parte se devem à forma como os brasileiros lidam com sua sexualidade. Apesar de Postman (*apud* Hamann, 2002) considerar o desaparecimento da infância uma tendência internacional (presente nos países onde há televisão), no Brasil ela ganha contornos peculiares no que se refere à quebra dos segredos sexuais. No momento atual, é possível nos depararmos com representações da infância essencialmente pós-modernas (como as que naturalizam o fenômeno da erotização infantil pela mídia), porém não se extinguem por completo outras antigas concepções.

5. Considerações finais

A partir dos estudos e das leituras realizadas observou-se que o conceito de infância modificou-se de acordo com a cultura e o contexto social. A história da infância seria então a história da relação da sociedade, da cultura, dos adultos e do próprio período vivido pela criança, sujeito real que vive essa fase da vida. Sendo assim, na comunidade onde foi desenvolvido o projeto, percebeu-se que a infância no local relaciona-se com o contexto sócio-cultural no qual elas estão inseridas. Através das falas e das produções as crianças trouxeram dados relativos à violência, à erotização infantil e às diferenças estigmatizadas de gênero, as quais puderam ser observadas como aspectos presentes nas relações estabelecidas, na organização familiar e na mídia. Outro fator a ser considerado é que o local é voltado para o turismo, no entanto as crianças não utilizam tais espaços, assim como relatam não haver lugares de lazer e para prática de desportos, o que pode remeter a questões políticas, tais como a falta de investimento.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História social da criança e da família.** Rio de Janeiro - Segunda edição: LTC, 1981.

HAMANN, F. P. **A erotização da infância e os meios de comunicação.** GIPS. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO 2002. Disponível em: http://www.gips.psi.puc-rio.br/gips/Nucleo%20Tematico%201/teses/tesefernanda/crianca.pdf. Acesso em: 04 de setembro de 2009.

MONTERO, M. **Hacer para transformar: El método em la psicologia Comunitária.** Buenos Aires: Paidós, 2006.

MOURÃO, B. **Cultura infantil: a construção corporativa da infância**. Rev. Sociol. Polit., Curitiba, n. 22, jun. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782004000100018&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 08 de setembro de 2009.

RIBEIRO, J. S. B. **Brincadeiras de meninas e de meninos: socialização, sexualidade e gênero entre crianças e a construção social das diferenças**. Cad. Pagu, Campinas, n. 26, jun. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332006000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 02 de setembro de 2009.

SALLES, L. M. F. **Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos**. Estud. psicol. (Campinas). vol. 22 n. 1, 2005. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v22n1/v22n1a04.pdf>. Acesso em: 08 de setembro de 2009.